

"Vocês vão ver como é/ Didi, Garrincha e Pelé/ dando seu baile de bola (...)/ Quando a partida esquentar/ e Vavá de calcanhar/ entregar a pelota a Mané/ E Mané Garrincha a Didi/ Didi diz é por aqui/ aí vem o gol de Pelé. Gol!"

O estupendo "Frevo do bi" (Braz Marques/Diógenes Bezerra), mega sucesso da Copa do Mundo de 1962, vencida pela segunda vez pelo Brasil, no fraseado matreiro de Jackson do Pandeiro, é só uma das muitas tabelinhas entre futebol e música da história das duas faces da identidade nacional.

É fácil e prazeroso (embora árduo pelo excesso de oferta) fazer uma "futebolista", porque o entrosamento vem de longe. O pianista pioneiro Ernesto Nazareth, em 1919, homenageou o jogador Zezé (José Carlos Guimarães) do Fluminense tricampeão (de 1917 a 1919), com o tango (como ele denominava suas composições depois chamadas de choros) "Menino de ouro". O ilustre vascaíno Pixinguinha mandou "Um a zero", celebrando a vitória sobre o Uruguai, que deu ao Brasil o campeonato Sul Americano, de 1919. O ziguezagueante choro se tornou um megaclássico instrumental e desafiou a perícia do mineiro do Clube da Esquina Nelson Ângelo.

na foto: aldir blanc e paulinho da viola fonte: site do vasco da gama

FUTEBOL E MÚSICA BRASILEIRA

por: **TÁRIK DE SOUZA**



Ele conseguiu enfiar uma caneta poética no meio dos compassos e gravou a música com o notório boleiro Chico Buarque: "Mas, numa jogada genial/ aproveitando o lateral/ um cruzamento que veio de trás/ foi quando alguém chegou/ meteu a bola na gaveta/ e comemorou".

Na passagem, de trivela, Buarque que tem até estádio próprio, onde comanda o Polytheama, é autor do antológico "O futebol", que professa: "No contrapé/ para avançar na vaga geometria/ o corredor/ na paralela do impossível, minha nega/ no sentimento diagonal/ do homem-gol/ rasgando o chão/ e costurando a linha".

Inventor da bicicleta, artilheiro da Copa do Mundo de 1938, na França, com 7 gols (um deles descalço, por ter arreventado sua única chuteira), pioneiro ídolo preto apropriado pelo marketing (o chocolate Diamante Negro, da Lacta), o carioca Leônidas da Silva foi incensado pela dupla David Nasser e Marino Pinto. Em "Diamante negro" eles sapecaram: "Vou falar de um brasileiro/ que é o dono da pelota/ Leônidas nasceu e cedo deixou a escola/ porque seu claro caminho/ era o caminho da bola (...) /eu só queria fazer com a cabeça/ o que o Diamante negro faz com os pés".

Cracaço da linha de passe (não me venham com "altinho") entre futebol e música, o campista Wilson Batista acertou vários balaços. Como "E o juiz apitou", de 1942, (com Haroldo Lobo) pelo efêmero Vassourinha; "Regressei do futebol/ todo queimado de sol/ o Flamengo perdeu/ pro Botafogo/ amanhã vou trabalhar/ meu patrão é vascaíno/ e de mim vai zombar". Três anos depois, ele voltou a fustigar o rival, na voz de Linda Batista: "Vamos lá/ que hoje é de graça/ no boteco do José/ entra homem, entra menino/ entra velho, entra mulher/ é só dizer que é vascaíno".

E arrematou de primeira, em 1955, com uma ode ao time do coração, no "Samba rubro negro" (com Jorge de Castro) "Eu já rezei pra São Jorge/ pro Mengo ser campeão/ (...) Flamengo, Flamengo, tua glória é lutar/ quando o Mengo perde/ eu não quero almoçar/ eu não quero jantar". Com o cantor da gravação, Luis Wanderley, e o mesmo Jorge de Castro, Wilson ainda engatou um apelativo cha cha cha, em 1962, sobre as façanhas do "Rei Pelé", "que brilhou na Suécia/ fez sucesso no Uruguai/ Rei Pelé mora em Vila Belmiro/ Rei Pelé do Brasil não sai/ ô Rei Pelé/ vamos tomar café".

A rima infame serviu também para a modernosa "Comunicação" (Helio Matheus/ Edson Alencar), na voz de Elis Regina (1972): "Só tomava chá/ quase que forçado vou tomar café/ ligo o aparelho vejo o rei Pelé/ vamos então repetir o gol". Por falar em Pelé e Elis, a improvável dupla lançou um compacto simples, "Tabelinha", em 1969, com duas composições do jogador ("Perdão não tem", "Vexamão"), que também gravou com Sérgio Mendes. O lateral esquerdo rubro negro (e da seleção) Junior, antes da Copa frustrada de 1982, conseguiu emplacar o empolgado "Povo feliz (Voa canarinho, voa)" (Memeco/Nonô).



Por sua vez, o ritmo caribenho ainda virou canhestro trocadilho para outro super craque: "Garrincha cha cha cha" (Ruthnaldo), na voz do animador José Messias. Mas a refinada bossa também incensou o craque, no "Balançamba", de Menescal & Bôscoli, faixa título do songbook da dupla na voz de Lúcio Alves, em 1963: "Se você não sabe balançar/ pede pro Garrincha te ensinar". Empate também dá samba, ou melhor, rojão nordestino, como no "1 x 1" ("esse jogo não é um a um/ se meu clube perder é zum zum zum"), do compositor sindicalista pernambucano Edgar Ferreira, sucesso na voz de Jackson do Pandeiro, em 1954, replicado pelos roqueiros Paralamas. A letra citava combinações de cores dos clubes pernambucanos Santa Cruz, Náutico e Sport ("é encarnado e branco e preto/ é encarnado e branco/ é encarnado e preto e branco/ é encarnado e preto"), mas também se adaptava a outras camisas Brasil a dentro.

Torcedor fanático do América carioca (hoje em declínio, presidido pelo jogador Romário, em homenagem ao pai, Edevair, que torcia pelo clube), o generoso Lamartine Babo compôs hinos para todos os clubes da antiga capital federal. E até mesmo para o modesto Canto do Rio, de Niterói, que sobrevive nas divisões de base, e teve o hino regravado recentemente pela dupla Dois Bicudos, formada pelos cantores e pesquisadores Alfredo del Penho e Pedro Paulo Malta. Uma palinha da letra: "No estádio formoso/ de Caio Martins/ há dias de festa, foguetes, clarins/ de noite e de dia/ a turma sorri/ enche de alegria Icaraí".

Ícone do samba canção da dor de cotovelo (bem antes da sofrência), o gaúcho Lupicínio Rodrigues compôs o hino no cinquentenário de seu clube, em 1953, após uma greve que deixou Porto Alegre sem transportes: "Até à pé nós iremos/ para o que der e vier/ mas o certo é que nós estaremos com o Grêmio, onde o Grêmio estiver/ cinquenta anos de glória/ tens imortal tricolor/ os feitos da tua história/ canta o Rio Grande com amor".

Já o paraense Biilly Blanco, formado na prancheta, arquitetou uma homenagem ao coringão Corinthians paulista, também em data comemorativa, na voz de Jamelão, em 1955. Para quem não sabe, Mosqueteiro é o mascote do clube, emponderado na letra: "Peço ao Palmeiras que explique à Portuguesa/ São Paulo e Juventus compreenderão com certeza/ Corinthians era difícil de rimar/ então soltei o Mosqueteiro no gramado pra ser chamado/ Corinthians do centenário, Bi-campeão".



Os pós-tropicalistas, que lançaram disco com o título de “Novos Baianos F. C.”, boleiros titulares de um campinho próprio num sítio em Jacarepaguá, entoaram, em 1977, a exaltação ao Bahia – o Baêa – em “Campeão dos campeões” (Raquel/ Zé Pretinho da Bahia/ B. Silva): “Time de raça e tradições, Bahia, campeão dos campeões/ o nosso time está numa nova arrancada/ este ano não tem zebra, não tem nada/ Bahia é o clube do povo/ domingo estarei aqui de novo”. Mas Moraes Moreira, pilar do grupo (e bom de bola), era torcedor fanático de um time carioca, o Flamengo, para o qual compôs várias músicas. Entre elas, a que lamenta a partida do ídolo para a Europa, “Saudades do Galinho”: “E agora, como é que eu fico/ nas tardes de domingo sem Zico no Maracanã?/ agora como é que eu me vingo/ de toda derrota da vida/ se a cada gol do Flamengo/ eu me sentia um vencedor”. Estilista da redonda, que chegou a jogar nas divisões de base de seu idolatrado Flamengo (“sou Flamengo e tenho uma nega chamada Teresa”), o carioquíssimo Jorge Ben também celebrou “O camisa dez da Gávea” (“e cada gol, cada toque, cada jogada/é um deleite para os apaixonados do esporte bretão/ Zico!”).

Mas entre as obras primas que ele perpetrou na tabelinha futebol-música (e vice versa), uma delas, deu zebra. “Fio Maravilha” (“nós gostamos de você/ faz mais um pra gente ver”) que barbarizou, vencendo o Festival da Canção de 1972, na voz tonitroante de Maria Alcina, por incrível que pareça virou processo do homenageado contra o homenageador. O jogador do Flamengo João Batista de Sales, o Fio, que marcou um histórico gol contra o luso Benfica, em 1972, inspirador da música (“tabelou, driblou dois zagueiros/ deu um toque, driblou o goleiro/ só não entrou com bola e tudo/ porque teve humildade em gol”), considerou “uso indevido de seu nome”.

Em represália Ben passou a cantar “Filho maravilha”, mas depois o jogador pediu desculpas e se reconciliaram. Tudo certo com as prescrições para um anônimo “Zagueiro” (“tem que ser malandro/quando tiver perigo com a bola no chão/ pensar rápido e rasteiro/ ou sai jogando ou joga a bola pro mato/ pois o jogo é de campeonato”).

Mas nada supera em potência musico-boleira a arrancada do “Ponta de lança africano (Umbabaraúma)”, lançado em seu emblemático álbum “África Brasil”, de 1976. Olho no lance: “Pula pula, cai, levanta, sobe desce/ Corre, chuta, abre espaço, vibra e agradece/ Olha que a cidade toda ficou vazia/ Nessa tarde bonita só pra te ver jogar Umbabarauma, homem gol”. Mesmo sem traquejo para o esporte, o monumental Milton Nascimento bateu sua bolinha de resposta, assinando a trilha do documentário “Tostão, a fera de ouro”, de Ricardo Gomes Leite e Paulo Laender, de 1970, sobre o sutil craque mineiro.

No compacto duplo com esse registro raro, se destaca a parceria com Fernando Brant, “O país do futebol”. Decupa a letra: “No fundo deste país/ ao longo das avenidas/ nos campos de terra e grama/ Brasil só é futebol/ nesses 90 minutos de emoção e alegria/ esqueço a casa e o trabalho/ a vida fica lá fora/ (...) a cama fica lá fora/ a fome fica lá fora/ a conta fica lá fora/ a briga fica lá fora/ o tempo fica lá fora”. Tem bossa nova no futebol? Tem, no hino “Sou tri campeão”, de Marcos e Paulo Sérgio Valle, nas vozes dos Golden Boys, com direito a dissonâncias, celebrando a façanha de 1970: “Nosso grito de gol é ouvido/ pelo chão, pelo ar/ Agora só tenho a Copa em minha mente/ só vejo o escrete em minha frente/ torci, sofri, mas afinal, ganhei do mundo”.



Sequestrada pela ditadura militar, que a transformou em peça de propaganda, a marchinha "Pra frente Brasil", do inacreditável Miguel Gustavo (não sabia uma nota de música, compunha batucando numa caixa de fósforos) prenunciou o tóxico verdeamarelismo, que viria depois: "Noventa milhões em ação/ pra frente Brasil/ do meu coração (...) / de repente é aquela corrente pra frente/ parece que todo o Brasil deu a mão/ todos ligados na mesma emoção/ tudo é um só coração". Também catalisou energia negativa, a bem intencionada homenagem do bossanovista Sérgio Ricardo a Garrincha, no fatídico samba "Beto, bom de bola" ("é, é, é ou não é?/ até parece o Mané/ e foi-se a Copa e foi-se a glória/ e a nação se esqueceu/ do maior craque da

história"), apresentada no Festival da TV Record, de 1967, debaixo de implacável vaia. Irritado, o compositor quebrou o violão e atirou na plateia. O que ensejou a folclórica (ou imaginária) manchete de jornal sensacionalista: "Violada no auditório!"

Dos mais contemporâneos, o santista internacional Neymar, de carreira tumultuada por contusões e estrelices, teria que ter outra trilha sonora, obviamente

Na sua volta ao mitológico alvinegro Santos F.C. (clube que também revelou de Pagão e Pelé a Robinho e Rodrygo), Neymar foi recebido por Projota (José Tiago Sabino, de Lauzane Paulista, na zona norte da cidade) com o rap farpado "Muleque de Vila"; "Se o diabo amassa o pão, você morre ou você come?/ eu não morri nem comi, eu fiz amizade com a fome/ vai, vai lá, não tenha medo do pior/ eu sei que tudo vai mudar/ você vai transformar o mundo ao seu redor/ mas não vacila, muleque de Vila". Especializado no estilo "rap geek", calcado em personagens, o gaúcho Fernando Donde Alves, conhecido como Player Taz, botou pra f no "Rap do Neymar" (com Kanhanga):



"É simples criticar e apontar minhas falhas/ mas eu não me importo com o que a imprensa fala/ carrego nos meus ombros minhas marcas de batalha/ não vão tirar o meu lugar/ não se apaga uma estrela que foi feita pra brilhar/ (...) meu legado criou asas e pra sempre irá voar/ sorria e jogue feliz/ tô tão pouco me lixando com tudo que a imprensa diz/ minha resposta é no campo/ driblando, fazendo gols/



BRASIL É BICAMPEÃO DO MUNDO



A VÍTORIA — O Brasil, campeão, é recebido no aeroporto de São Paulo por milhares de pessoas. O Brasil é recebido no aeroporto de São Paulo por milhares de pessoas. O Brasil é recebido no aeroporto de São Paulo por milhares de pessoas.

MARC, MEIN PRET

Do 1.º e 2.º de São Paulo, o Brasil é recebido no aeroporto de São Paulo por milhares de pessoas. O Brasil é recebido no aeroporto de São Paulo por milhares de pessoas. O Brasil é recebido no aeroporto de São Paulo por milhares de pessoas.

Do 1.º e 2.º de São Paulo, o Brasil é recebido no aeroporto de São Paulo por milhares de pessoas. O Brasil é recebido no aeroporto de São Paulo por milhares de pessoas. O Brasil é recebido no aeroporto de São Paulo por milhares de pessoas.

SPORTS 13

EXTRA



Do 1.º e 2.º de São Paulo, o Brasil é recebido no aeroporto de São Paulo por milhares de pessoas. O Brasil é recebido no aeroporto de São Paulo por milhares de pessoas. O Brasil é recebido no aeroporto de São Paulo por milhares de pessoas.

Vascaíno, jornalista, crítico musical e escritor, o carioca **Tárik de Souza** trabalhou para alguns dos principais veículos da imprensa brasileira (JB, Veja, O Pasquim, Opinião, Carta Capital, Folha de S.Paulo), fundou a revista "Rock: a História e a Glória", além de ter atuado no rádio (MEC, JB), na tevê (Canal Brasil, Educativa), em sites (Clique Music, IMMUB) e em editoras de livros (Editora 34), discos e cinema. Alguns de seus livros: "Rostos e gostos da Música Popular Brasileira" (1979), "O som nosso de cada dia" (1983), "Tem mais samba: das raízes à eletrônica" (Editora 34, 2003) e "Sambalanço, a bossa que dança" (Kuarup, 2016).



Do 1.º e 2.º de São Paulo, o Brasil é recebido no aeroporto de São Paulo por milhares de pessoas. O Brasil é recebido no aeroporto de São Paulo por milhares de pessoas. O Brasil é recebido no aeroporto de São Paulo por milhares de pessoas.

**Apoelética
Recepção Aos
Bicampeões**

Do 1.º e 2.º de São Paulo, o Brasil é recebido no aeroporto de São Paulo por milhares de pessoas. O Brasil é recebido no aeroporto de São Paulo por milhares de pessoas. O Brasil é recebido no aeroporto de São Paulo por milhares de pessoas.

**Delegação
Reformará
Via Brasília**

Do 1.º e 2.º de São Paulo, o Brasil é recebido no aeroporto de São Paulo por milhares de pessoas. O Brasil é recebido no aeroporto de São Paulo por milhares de pessoas. O Brasil é recebido no aeroporto de São Paulo por milhares de pessoas.

Do 1.º e 2.º de São Paulo, o Brasil é recebido no aeroporto de São Paulo por milhares de pessoas. O Brasil é recebido no aeroporto de São Paulo por milhares de pessoas. O Brasil é recebido no aeroporto de São Paulo por milhares de pessoas.